

# **A riqueza linguística do falar mineiro: um olhar analítico sobre os Fenômenos de Variação Linguística.<sup>1</sup>**

*Josicarla Mendonça e*

*Vera Lúcia Godinho<sup>2</sup>*

*“Eu preciso avisar à língua portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira.” Felipe Peixoto Braga Netto.*

## **1- Introdução**

Esta pesquisa tem por objetivo estudar a variação lingüística de uma região do interior de Minas gerais. Foram armazenados doze e transcritos cinco minutos de uma narrativa que será apresentada posteriormente.

Para o desenvolvimento desse artigo, serão apresentados os conceitos de língua, linguagem, sociolinguística e variação lingüística para melhor entendimento e absorção do conteúdo da análise proposta. Assim, serão utilizados os seguintes autores: Lyons (1982), Fiorin (2008) Mollica (2004) e Bagno (2005 e 2008).

A metodologia da pesquisa é variacionista, por isso, optamos pela metodologia quantitativa que é pautada no

“método dedutivo (da teoria para os dados), as definições predeterminadas e operacionalizadas, a postura racionalista, a precisão por meio da medida e da manipulação estatística, a medida de variáveis, a análise de componentes e uma amostra com randomização, tendo foco nos traços individuais e nas relações causais”. (FILHO & GAMBOA, 2000, p.37).

A narrativa gravada tem como objetivo analisar os traços linguísticos de uma determinada região de Minas Gerais, na qual se verificou expressivo

---

<sup>1</sup> Artigo Científico apresentado como trabalho de conclusão da disciplina sociolinguística do português ministrada pela professora Alinne Santana Ferreira, na Faculdade Fortium.

<sup>2</sup> Alunas acadêmicas do curso de Letras- faculdade Fortium

número de fenômenos de variação da língua. A colaboradora de pesquisa é **M. F. S. L.**, sexo feminino, natural de Natalândia, Minas Gerais.

## 2.1 A concepção social da língua

Primeiramente abordaremos o conceito de língua para melhor compreensão da pesquisa a ser apresentada.

A língua é o meio utilizado para a comunicação entre indivíduos de uma determinada comunidade. Cada autor tem um modo de definir o significado de língua.

Segundo Bloch e Trager (1942:5), *apud* Lyons (1982:17). “Uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera.”

Hall (1968:158) *apud* Lyons (1982:17) afirma que “língua (gem) é a instituição pela qual os seres humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados.”

Segundo Sapir *apud* Lyons (1982:17) “A linguagem é um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem idéias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos”. (1929:8)

A Sociolinguística estuda a língua em seu uso dentro das comunidades, chamando a atenção para um tipo de investigação que une ponto de vista linguístico e social. Esta ciência se preocupa em focar o espaço interdisciplinar, a fronteira entre a língua e sociedade, evidenciando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

“Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram – se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo”. (Mollica, 2004, p.9)

Sociolinguística é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Se para certas vertentes da linguística é possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais. Para a sociolinguística, a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico.

Desenvolvida em grande parte por William Labov (1969, 1972, 1983), a sociolinguística permitiu o estudo científico de fatos lingüísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e consequente dificuldade de apreensão. Através de pesquisas de campo, a sociolinguística - inspirada no método sociológico - registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade lingüística como seu objeto de estudo.

De um modo geral, pode-se dizer que os fatores determinantes da heterogeneidade lingüística são três: o *geográfico*, responsável pela divergência lingüística entre comunidades fisicamente distantes um da outra; o *social*, responsável pela divergência lingüística entre distintos subgrupos de uma comunidade local, sendo fatores potencialmente distintivos a estratificação social, a faixa etária, o sexo, a ocupação profissional dos falantes, o desejo ou interesse que eles têm em manterem características lingüísticas que os demarquem; o *registro de uso*, ou nível de formalidade atribuído ao encontro pelos interlocutores, numa gama que vai desde o mais coloquial ao mais formal. (LEMLE, 1978, p. 61 *apud* Cecílio e Matos, 2009, p.3).

## **2.2 Variação linguística e Heterogeneidade social**

A Sociolinguística trouxe uma nova visão, revelando a variação sistemática motivada por pressões sociais e também linguísticas, e enfatizando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o

funcionamento do sistema. Com essa nova perspectiva de ver a língua, foi possível analisar e descrever o uso de variáveis linguísticas pelos indivíduos em uma determinada comunidade de fala, como também revelou que a presença da heterogeneidade direcionada por regras variáveis é o que permite ao sistema lingüístico se manter em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística. Dessa forma é necessário aprender a ver a linguagem do ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico, como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática. A variação é ligada ao sistema linguístico, sendo sujeita de descrição e explicação mediante a correlação dos dados empíricos com o contexto social e linguístico.

Em suma: a grande preocupação da sociolinguística é estudar a língua na sua produção real, no âmbito de uma comunidade, buscando entender a regularidade dentro da variação da fala *Apud Wiedeme, 2009, p2.*

É preciso considerar que a língua é viva, pois quem faz uso dela são os indivíduos em constante processo de transformação e se existe diferença de classes e diversidade cultural na sociedade, também há a diversidade linguística, visto que as diferenças culturais, sociais, regionais e tantas outras aparecem na língua, provocando uma multiplicidade de linguagem. Portanto, a linguagem depende e varia de acordo com as condições de produção, ou seja, vai depender das intenções e necessidades do locutor, de quem é o interlocutor no momento da enunciação, da situação e do momento histórico em que o discurso ocorre. Haja vista que, quem determina se falante vai utilizar mais de uma variante lingüística é o contexto em que está inserido, porque existem diversos fatores que irão influenciá-lo, como: as diferenças dialetais, de classe social, de idade, de sexo, de variação histórica, de variações de registro.

Conforme aponta Camacho (1988), *apud Cecílio e Matos, 2009*, toda língua é um objeto histórico que se transforma no tempo e se diversifica no espaço. Tarallo (1985) *apud Cecílio e Matos, 2009*, define variação lingüística como duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Entendemos que fatores de diversidade lingüística não ficam restritos apenas a tempo e espaço, por isso corroboramos com a afirmação de Camacho (1988) *apud Cecílio e Matos, 2009*, de que a heterogeneidade se explica também por meio de variação social e estilística.

### **3. A pesquisa**

A pesquisa foi feita com a colaboração de M. F. S. L. que se dispôs a fazer uma narrativa, da qual transcrevemos os dados, e posteriormente identificarmos e analisamos os fenômenos encontrados.

Foi construída uma tabela com três colunas que se referem à ocorrência dos fenômenos com a seguinte ordem de classificação: ocorrência, fenômeno e traço linguísticos. Os traços linguísticos podem ser classificados como, “gradual, aqueles que aparecem na fala de todos os brasileiros, independentemente de sua origem social e regional, e descontínuo aqueles que aparecem principalmente na fala dos brasileiros de origem social humilde, etc., segundo Bagno, (2008, p.2).

Segue a narrativa feita por M. F. S. L:

1 - Oh! **Onti** eu cheguei da iscol/eu cheguei **du trabai**, eu fui **oiá** , a **muié** num  
2 tinha feito cume ainda não. Eu falei:

3 Ah muié, o que ta **aconteceno?ai** ela **falô** assim:

4 - Uai, eu vo faze **cumê** sem **gurdura**?Eu cocei a caBEÇA, pensei todo JEIta, ai  
5 **risulvi** mata um **purquim**, um purquim barrigudo **qui** eu tinha lá nu chiquero  
6 pra nós **podê fazê** a janta quando eu acabano de separa esse purquim pra  
7 fazê a janta já cum a fome danada, chego um amigo meu e foi conta a historia  
8 da namorada dele. Cara assim, a história é mais o **meno** assim:

9           **O homi** tava **namorano**, mais o pai dele era brabo pra caramba! Sabe?  
10 Uma braBEZA DISgramada! Aí ele saiu pra qui pra li, ando no **mei** da **istrada**,  
11 ia lá mais o **cumpadi** num **dexava** ele vê, o pai da moça num dexava ele  
12 namora **quela** de jeito **ninhum**, ela nem via, ele nem via. A moça era daquelas,  
13 num era muito bunita não, ela tinha as canela muito fina, pESCOÇO cumpri:::do,  
14 a cintura, é, é ...fina também mais as zapá era bem avantajada. Aí um dia né,  
15 um cump..., mais memo assim, meu **vizim** gostava muito dela, vivia doidim pra  
16 namora. Só num dava muito certo, **poque** num **pudia** vê! De vez **inquand**, ele  
17 ficava de oi nela, ela andano na istrada pra lá e pra cá, com a bacia de ropa na  
18 cabeça **levanu** pro **coigu** pra lava, ai ele ficava **oianu** **iscundido** **atrais** de  
19 uma moita até ela passa.

20           Mais de repente o cumpadi, pai dela resolveu fazê um mutirão pa limpa  
21 o mio dele que tava passano de hora de limpa, mio tava no mato, uma saroba  
22 danada tomada conta do mio, ai ele resolveu a fazê uma limpeza lá no mio,  
23 mais ele sozim num dava conta, o **dinhero** tava **mei** curto, intão ele resolveu  
24 mata uns porco lá, e fazê, fazê esse esse mutirão. E meu cumpadi chego lá in  
25 casa bem na hora que eu tava preparano o purquim lá pra fazê janta. De  
26 repente, chegô o namorado da moça também, o tal que queria se genro dele, e  
27 aí **nois** cumecô a batê papo, batê proisa cumbina cumé que seria a festa lá, e  
28 o **rapaiz** meu amigo queria se genro dele já ficô todo animado.

29           **Amainceu** o outro dia, dia do mutirão, marcô tudo certo, convido os  
30 convidado. Todo mundo fico pronto dizeno que ia participa da festa, judá ele  
31 limpá a roça , **dizafoga** o mio, caba ca saroba que tava lá na roça dele. De

32 repente que qui a acontece, meu, o rapaiz meu amigo lá, levan{ naquela noite  
33 ele num **drumiu** não, passo a noite virano de um lado **pru oto pensano**.

34 -Oh diabo amanhã eu vô tira a égua da chuva, eu vô lava a égua, queu  
35 vô podê fica perto daquela moça **dintero, queu hoji cunverso quela**, pode te  
36 certeza.

37 Chegô a hora da festa, de madrugada, ele pego uma foicinha veia quele tinha,  
38 uma foicinha do cabim assim piquenu – **e só mermo quele tava di planu aí**,  
39 **só pra inrolá mermo**- aí pegou essa foicinha com o cabinho assim pequenu e  
40 amolo ela numa pedra de amolá que tinha no fundo do quintal lá e muntô numa  
41 eguinha seca e foi pru serviçu, chegô lá o dia clareANU, DOIDO, pá vê se  
42 tomava uma soquinha de café **umeno** de onti, mas **u donu** num chamo foi  
43 nada, grito: Ô pionada, pode **trabaiá**, vamu cumeçá e deu uma volta , passou  
44 pela cerca , debaxo da cerca e foi pru serviçu { ele num ficou o meu {aquele  
45 meu amigo Zé- num ficou nada satisfeito, que num viu nem sinal de **mué** lá, foi  
46 **disgramou** tudo.

47 -**Trabaiou**, trabaiou, trabaiou o dia **évai** o sol évai **subinu** e é o **estambo** foi  
48 **roncanu** e a barriga foi **ficanu** seca aí o que ele falou? Falô disgramô, mais  
49 eu entrei numa enrrascada, enquanto **ozotô** dava gol/gulpiava o mato cum  
50 mais Val/**valocidade** ele num consiGUIA porque a foicinha dele era muito ruim  
51 do cabinho cu::rto, de repente apareceu cumeçô aparecê cobra e ele foi  
52 ficanu foi **ripindidu**, até que depois de muita munha **apariceu** { chegô a hora  
53 do **aulmoço**. Aí o { chamo: ô pionada vem **auumuçá**.

54 ....a moça tava **oiandu** deRRETENU de tanto ri, lá de mia porta, ele ficou com  
55 verrgonha pois a mão pra trás pudê a moça num vê o que qui tava **acunticenu**,  
56 veio um cachorrão abocanho o osso, saiu rastanu ele com osso pra fora, pra  
57 todo lado, ele saiu rastanu, chego na cerca do curral ele engancho as perna lá  
58 num conseguia passá e com muita dificuldade que o cachorro consiguiu tirá o  
59 osso do dedo dele. O dedo dele ficô parecenu uma **cenôra** descascada todo  
60 **vremei** sem/sem osso sem couro sem nada. E essa é muncado das historia  
61 que a gente ôvi quando a gente tá bateno um papo com **os amigo** da gente.

Por questões didáticas, escolhemos analisar os fenômenos de variação linguística encontrados por meio da tabela abaixo:

Ocorrência	Fenômeno Linguístico	Traço
Trabai,( trabalho), mué, (mulher),oiá (olha)	Transformação de lh em i	Descontinuo
Namorano,(namorando), aconteceno(acontecendo), Preparano (preparando)	Redução da terminação- ND do gerúndio em NO.	Descontinuo
Pranta (planta)	Rotacismo L em R.	Descontínuo
Chiquero (chiqueiro)	Redução de ditongo El em E. Monotongação	Gradual
Tamém (também)	Assimilação transformação de MB em M.	Descontínuo
Falô (Falou)	Redução Ditongo OU em O.	Gradual
Oto (outro)	Redução Ditongo OU em O.	Descontínuo
Os amigo; (os amigos), uns porco (uns porcos) as panela(as panelas)	Eliminação de plural redundante	Descontínuo
Porquim (porquinho); sorrisim (Sorrisinho)	Fonético-fonológico Troca de NH em M	Descontínuo
Vremei,(vermelho); cume(comida); saroba ( soquinha, disgramou	Léxico Característico regional	Descontínuo
Rapais (rapaz)	Ditongação da vogal tônica seguida de “s”	Gradual
Falá,(falar); fazê (fazer)	Apagamento do (r) em final de verbo no infinitivo	Gradual
Nós podê fazê (nós podemos fazer)	Redução da morfologia verbal	Descontínuo

#### **4. Considerações finais**

Esta pesquisa demonstrou os fenômenos linguísticos presentes na fala de M. F. L. S. moradora de uma determinada região de Minas Gerais. Ao analisar os dados que foram coletados pode-se observar a ocorrência de diversos fenômenos linguísticos presentes nesta região.

A análise da entrevista revelou traços graduais e descontínuos na narrativa. Mas por ser uma cidade de interior, de classe social menos elevada, os traços linguísticos apresentados pela colaboradora com mais frequência são os descontínuos. Uma variação que aconteceu com muita frequência foi troca do “o” pelo “u” no final das palavras, esta troca pode ser observada em quase toda a transcrição, e, mesmo sendo fenômeno de traço gradual, que ocorre em várias localidades brasileiras, ele é predominante no falar mineiro, visto que aparece praticamente em todas as palavras.

Através dos fenômenos linguísticos transcritos na pesquisa, é possível descrever o modo bem peculiar e único que possui o falar mineiro, revelando a riqueza linguística deste dialeto.

Afirmamos que essa pesquisa não se esgota em si, podendo ser ampliada em futuros trabalhos.

## 5- Referências

BAGNO, Marcos, **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**, São Paulo, 2005.

---

**Nada na Língua é Por acaso: por uma pedagogia da variação Lingüística.**

CECILIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria. Alves de. **Heterogeneidade lingüística no ensino de língua portuguesa**. [on-line] Disponível na internet via, <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/S/sociolinguistica.htm-> Acesso em: 18/06/2010 21h32m

FILHO, José Camilo dos Santos- GAMBOA, Silvio Sanchez- **Pesquisa Educacional: quantidade e qualidade**. São Paulo, 2000.

FIORIN, José Luiz- **Introdução à Linguística II: Princípios de Análise**. São Paulo, 2008.

LYONS, John- **Linguagem e Linguística**, Rio de Janeiro, 1981.

MOLLICA, Maria Cecília-BRAGA, Maria Luiza (orgs)- **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**, São Paulo, 2004.

WIEDME, Marcos Luiz- **Introdução aos Conceitos Básicos da Sociolinguística**. [on-line] Disponível na internet via WWW PDF: <http://www.filologia.org.br/.../introducao-aos-conceitos-basicos-da-sociolinguistica-marcos-luiz.pdf>- Acesso em: 16/06/2010 16h20min.